

---

## **Sankofa Pedagógica:** um olhar para o passado na construção de uma Educação Antirracista

Heverton Luis Barros Reis\*, Olivia Morais De Madeiros Neta\*\*

### **Resumo**

Este artigo investiga as dimensões filosóficas, históricas e pedagógicas do conceito Sankofa, originário das culturas Akan da África Ocidental, e sua aplicação na construção de uma educação antirracista no Brasil. A partir da perspectiva decolonial e da Lei 10.639/2003, discute-se como a Pedagogia Sankofa pode resgatar e valorizar saberes ancestrais africanos, contribuindo para uma prática educacional que enfrenta as estruturas racistas. Analisam-se propostas curriculares, como o uso de símbolos Adinkra e materiais paradidáticos, que articulam memória, ancestralidade e diversidade cultural. Para tal, toma-se como metodologia a análise documental, pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa e perspectiva decolonial e cunho histórico-crítico. Como resultado, o estudo destaca iniciativas educacionais voltadas para a implementação de práticas pedagógicas que integram valores éticos, históricos e culturais afro-brasileiros, promovendo a equidade e o respeito às diferenças.

**Palavras-chave:** educação antirracista; decolonialidade; Sankofa.

**Pedagogical Sankofa:** a look at the past in the construction of an anti-racist education

### **Abstract**

This article investigates the philosophical, historical and pedagogical dimensions of the Sankofa concept, originating from the Akan cultures of West Africa, and its application in the construction of an anti-racist education in Brazil. From a decolonial perspective and Law 10.639/2003, it discusses how Sankofa pedagogy can rescue and value African ancestral knowledge, contributing to an educational practice that confronts racist structures. Curricular proposals are analysed, such as the use of Adinkra symbols and educational materials, which articulate memory, ancestry and cultural diversity. The methodology used was document analysis and bibliographical research, with a qualitative approach and a decolonial, historical-critical perspective. As a result, the study highlights educational initiatives aimed at implementing pedagogical practices that integrate Afro-Brazilian ethical, historical and cultural values, promoting equity and respect for differences.

**Keywords:** anti-racist education; decoloniality; Sankofa.

**Sankofa pedagógico:** una mirada al pasado en la construcción de la educación antirracista

### **Resumen**

Este artículo investiga las dimensiones filosófica, histórica y pedagógica del concepto Sankofa, originario de las culturas Akan de África Occidental, y su aplicación en la construcción de una educación antirracista en Brasil. A partir de una perspectiva decolonial y de la Ley 10.639/2003, se discute cómo la pedagogía Sankofa puede rescatar y valorizar los saberes ancestrales africanos, contribuyendo a una práctica educativa que enfrente las estructuras racistas. Se analizan propuestas curriculares, como el uso de símbolos adinkra y materiales educativos, que

---

\* Doutor em Educação, na Linha de Pesquisa de Educação, Estudos Sociohistóricos e Filosóficos (UFRN). Mestre em Estudos Étnicos e Africanos/História (UFBA). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2798-4367>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7127942435438865>. E-mail: hevertonbarrosreis@gmail.com.

\*\* Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professora do Centro de Educação da UFRN exercendo o cargo de Pro-reitora Adjunta de Pesquisa. Professora-orientadora no Programa de Pós-Graduação em Educação (UFRN) e no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Bolsista Produtividade em Pesquisa - PQ 2/CNPq. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4217-2914>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7542482401254815>. E-mail: olivia.neta@ufrn.br.

articulan memoria, ancestralidad y diversidad cultural. La metodología utilizada fue el análisis documental y la investigación bibliográfica, con un enfoque cualitativo y una perspectiva decolonial e histórico-crítica. Como resultado, el estudio destaca iniciativas educativas dirigidas a la implementación de prácticas pedagógicas que integren valores éticos, históricos y culturales afrobrasileños, promoviendo la equidad y el respeto a las diferencias. **Palabras clave:** educación antirracista; decolonialidad; Sankofa.

## INTRODUÇÃO

Este artigo investiga as dimensões filosóficas, históricas e pedagógicas do conceito Sankofa, originário das culturas Akan da África Ocidental, e sua aplicação na construção de uma educação antirracista no Brasil.

Partimos da premissa que a pedagogia Sankofa oferece uma proposta reflexiva e transformadora para a educação antirracista no Brasil, ao articular saberes ancestrais africanos, cosmopercepções e valores éticos que permeiam as culturas Akan. Neste contexto, o artigo explora como a filosofia Sankofa, ressignificada no Brasil contemporâneo, pode ser incorporada ao currículo escolar de forma interdisciplinar, atendendo às diretrizes da Lei 10.639/2003. Essa abordagem visa desafiar as narrativas hegemônicas, destacar a riqueza cultural e histórica africana e fortalecer a construção de identidades afro-brasileiras. Além disso, busca-se compreender como práticas pedagógicas fundamentadas na Sankofa podem combater o racismo estrutural e criar espaços educacionais mais acolhedores e transformadores.

A reflexão proposta pela Pedagogia Sankofa dialoga diretamente com o pensamento africano sobre tempo, identidade e ancestralidade. Como aponta Cheikh Anta Diop (1974), compreender o presente das populações negras requer o reconhecimento da África como berço civilizacional e intelectual da humanidade. O autor demonstra que a filosofia africana sempre esteve vinculada à vida, à coletividade e à ancestralidade, dimensões que a Sankofa reitera ao propor o retorno ao passado para ressignificar o presente. Nessa mesma direção, o filósofo Plácide Tempels (1945) ao tratar da “filosofia bantu” evidencia que, nas tradições africanas, o ser humano é compreendido em sua força vital e relacional, numa ontologia em que o conhecimento é sempre comunitário e ético.

Para isso, tomamos como metodologia nesta pesquisa a análise documental e bibliográfica, com abordagem qualitativa e orientação na perspectiva decolonial e cunho histórico-crítico. Esses diálogos permitem investigar como a Pedagogia Sankofa pode ser aplicada como ferramenta para enfrentar estruturas racistas, promovendo uma prática educacional que articula memória, ancestralidade e diversidade cultural. Para mais, a

perspectiva decolonial e histórico-crítica oferecem uma lente reflexiva para compreender as dinâmicas históricas e culturais que sustentam as desigualdades, possibilitando a construção de uma educação antirracista, conforme os princípios da Lei 10.639/2003.

Para entendermos as múltiplas dimensões e sentidos da sankofa, será, então, preponderante renunciarmos à linearidade e homogeneidade, visto que a sankofa deve ser lida a partir das culturas negras que concebe o mundo na ótica cosmoperceptiva, isto é, do que se vê, do que se sente e do que se entende a partir do que se vê e se sente. Tal lógica pode ser compreendida de forma mais aprofundada quando a socióloga feminista nigeriana Oyèrónké Oyéwùmí, diz que “O termo “cosmopercepção” é uma maneira mais inclusiva de descrever a concepção de mundo por diferentes grupos culturais. ” (Oyéwùmí apud Coetzee, 2002, p. 393).

Para mais, a noção de Cosmopercepção é empregada por Oyèrónké Oyéwùmí para caracterizar a maneira como os povos iorubás e outras comunidades podem interpretar sua realidade, destacando diferenças em relação ao conceito mais difundido de "cosmovisão", frequentemente associado à perspectiva cultural ocidental. Logo, quando, no pensar do fazer ciência ocidental, válida apenas o que se vê (cosmovisão), existem, ainda, outros saberes que levam em consideração outros sentidos (cosmopercepção).

Esse entendimento sobre cosmopercepção também se aproxima da perspectiva defendida por Théophile Obenga (1990), que enfatiza o pensamento africano como um sistema de racionalidade próprio, profundamente enraizado em linguagens, símbolos e temporalidades diferentes do modelo ocidental. Assim, compreender a Sankofa é reconhecer que o tempo, o ser e o saber africanos não se organizam por uma linearidade cartesiana, mas por um movimento cíclico que integra passado, presente e futuro em continuidade vital.

Neste lugar, a sankofa encontra sua compreensão, ou compreensões. Portanto, sankofa como filosofia de vida, ao tempo que é uma dimensão poética, que tem seu entorno histórico e social, e mítico. E mais, é um conceito e também um ideograma (imagem-símbolo) e/ou tecnologia africana ancestral. É um provérbio, e se difunde em cantigas, poemas e adinkra de afirmação cultural. E outras tantas possibilidades, como dito pelo pesquisador W. Bruce Willis no livro *The Adinkra dictionary: A visual primer on the language of Adinkra* , “simbolizam parábolas, aforismos, provérbios, ditos populares, acontecimentos históricos, penteados, traços de comportamento animal ou formas de animais inanimados, ou artificiais. ” (Willis, 1998, p. XVII, tradução nossa).

Vale ressaltar que, ao considerar as diversas dimensões – histórica, sociológica, filosófica e mítico-poética – essas variadas abordagens revelam a profundidade e a complexidade do símbolo Sankofa na cultura e na percepção do povo Axante/Asante/Achanti. Essas perspectivas se complementam na interpretação do símbolo, que é essencialmente multifacetado. Embora seja crucial reconhecer as múltiplas possibilidades de interpretação para a fundamentação da tese, neste trabalho, adotaremos uma visão mais abrangente.

Assim, propomos ler a Sankofa como um símbolo de origem africana que, ao ser reinterpretado no Brasil contemporâneo, ganha novos significados por meio de uma lente decolonial e antirracista. Enquanto símbolo das culturas Akan, a Sankofa convida ao resgate do passado como forma de orientar ações no presente e construir um futuro mais justo. No contexto brasileiro, esta leitura é ampliada para questionar e desafiar as estruturas eurocêntricas que historicamente silenciaram ou marginalizaram saberes e valores africanos. A Sankofa, nesse sentido, torna-se um elemento central na valorização da memória, da ancestralidade e da diversidade cultural, funcionando como um exemplo para práticas pedagógicas e sociais que promovem a equidade e a justiça racial.

## **O Símbolo Sankofa**

Quando estudamos o adinkra africano sankofa nos deparamos com um traçado para trás, ou ainda, esse traçado justaposto que forma a imagem próxima a um coração estilizado. Tipo de imagem comum em grades e portões coloniais no Brasil. Em outras representações, encontramos a imagem de um pássaro com o bico voltado para trás segurando uma espécie de ovo e/ou pedra.

Na obra *Sankofa I – A matriz Africana no Mundo*, de Elisa Larkin Nascimento (org.) de 2008 (editora Selo Negro), e no acervo digital do Ipeafro, fundado por Abdias Nascimento, encontramos representações criadas por Luiz Carlos Gá que nos ajudam a compreender a estética da sankofa. Todavia, antes de apresentar o desenho, vale contextualizar o adinkra, visto que a sankofa faz parte desse conjunto de ideogramas.

O adinkra, originário dos povos acã/akan da África Ocidental (particularmente os axantes de Gana e Costa do Marfim), é um dos diversos sistemas de escrita africanos, o que desmente a ideia de que o conhecimento africano se limita apenas à oralidade. Vale um adendo para frisar que essa visão, que desqualifica os saberes dos povos africanos, deve ser combatida,

especialmente na educação e na história brasileira. Quando desafiamos a história convencional, percebemos que a escrita nasceu na África com os hieróglifos egípcios e seus predecessores. Embora por sua vez, não deveríamos qualificar a escrita como superior à oralidade, tendo em vista suas complexidades e particularidades para a formação do que chamamos de sociedades.

Adinkra, são, portanto, símbolos que representam conceitos ou aforismos e são amplamente utilizados em tecidos, logotipos e cerâmica, sendo incorporados em paredes e outras estruturas arquitetônicas. Porém, não somente, visto que:

Tradicionalmente, os adinkra aparecem estampados com tinta vegetal em tecido de algodão que as pessoas usam em ocasiões fúnebres ou homenagens. [...] Além de imprimir e estampar em tecido os ideogramas adinkra, a tradição akan também os registra esculpidos em objetos como o gwa (banco do rei e símbolo da soberania), o bastão do linguista (símbolo das relações do Estado com os povos) e os djayobwe (contrapesos de ouro). (Glover, 1969 apud Nascimento, 2008, p. 31-32).

Logo, por meio das pesquisas do professor e artista plástico Ablade Glover, em textos do Centro Nacional de Cultura de Kumasi, é possível perceber que os desenhos adinkra incorporam, preservam e transmitem aspectos históricos, filosóficos e socioculturais, ganense. Ou ainda, nas palavras de W. Bruce Willis, na obra *The Adinkra dictionary: A visual primer on the language of Adinkra*, 1998:

Os símbolos Adinkra refletem os costumes tradicionais e os valores comunitários específicos, os conceitos filosóficos, os códigos de conduta e as normas sociais do povo Akan. É uma expressão da visão do mundo Akan. Os símbolos Adinkra têm vários significados e níveis de interpretação. (Willis, 1998, p. XVII, tradução nossa).

Tendo como tradução / transliteração “adeus ou deus” (Nascimento, 2008, p. 29), ou como define W. Bruce Willis, “uma mensagem que uma pessoa dá a outra pessoa quando parte” (Willis, 1998, p. XVII, tradução nossa). E mais. “Os adinkra constitui uma arte nacional de Gana. São mais de oitenta símbolos e cada um traz um conteúdo epistemológico simbólico”. (Glover, 1969 apud Nascimento, 2008, p. 32).

Segue, no quadro 1, alguns exemplos de adinkra presentes no livro *Adinkra Sabedoria em símbolos africanos* de Elisa Nascimento e Luiz Gá (2009),

**Quadro 1 - Símbolos Adinkra, Nome, Significado e Descrição**

<b>Símbolo</b>	<b>Nome</b>	<b>Significado</b>	<b>Descrição</b>	<b>Símbolo</b>	<b>Nome</b>	<b>Significado</b>	<b>Descrição</b>
	Adinkrahen e	Chefe dos símbolos adinkra	Grandeza, carisma e liderança		Nea Ope Se Obedi Hene	Aquele que quer ser rei	Serviço, liderança
	Akrofena	Espada de guerra	Coragem, valor		Denkyem	Crocodilo	Adaptabilidade
	Akokonan	A perna de uma galinha	Piedade, educação		Boa Me Na Me Mmoa Wo	Me ajude e deixe eu te ajudar	Cooperação, interdependência
	Akoma Ntoso	Corações ligados	Entendimento, acordo		Mpatapo	Nó da reconciliação	Pacificação, reconciliação
	Ananse Ntontam	Teia de aranha	Sabedoria, criatividade		Nea Onnim No Sua A, Ohu	Aquele que não sabe, pode aprender	Conhecimento, educação vitalícia
	Aya	Samambaia	Resistência, desenvoltura		Nyansapo	Nó da sabedoria	inteligência, paciência

**Fonte:** Nascimento, Elisa Larkin & Gá. Luiz Carlos. Adinkra. Sabedoria em símbolos africanos. Rio de Janeiro: Pallas/Ipeafro, 2009.

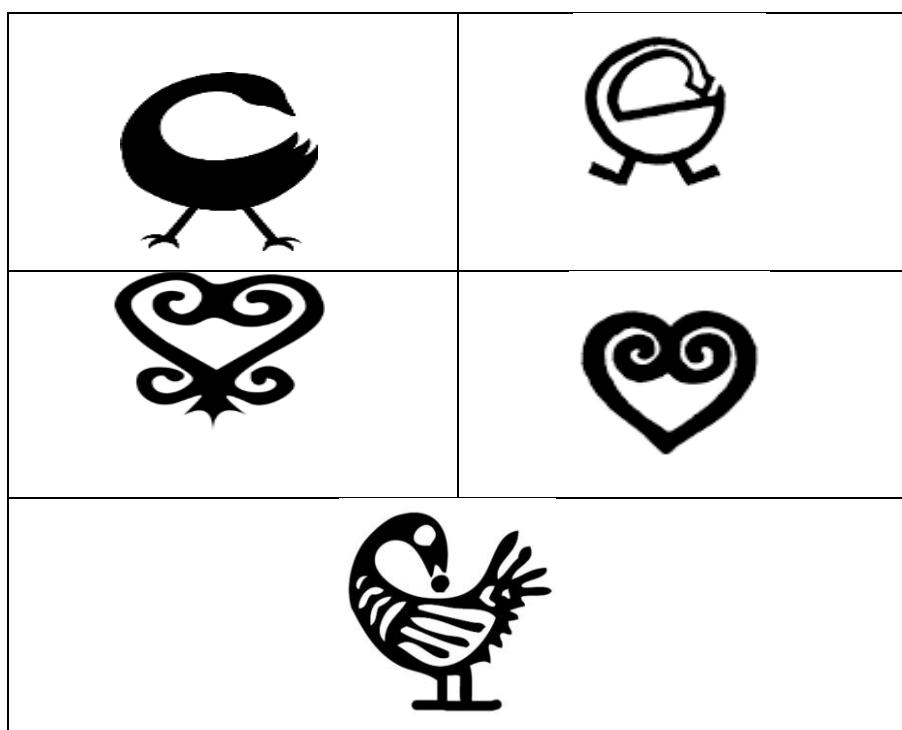
Veja como de forma ampla existem potencialidades nos adinkra. Pois, se integrarmos no currículo da educação básica, ou até mesmo em cursos de formação continuada de professores, podemos perceber o enriquecimento curricular à medida que os adinkra integram uma visão de valores universais e ético, como a coragem, a sabedoria, a cooperação e a paz. Possibilitando a divulgação desses valores de maneira significativa e em conexão com os estudantes a uma tradição que transcende fronteiras culturais. E mais, pode possibilitar o resgate e valorização das raízes culturais africanas presentes na formação da sociedade brasileira. Fomentando, por sua vez, o combate a desqualificação histórica dos saberes africanos, ao tempo que promove uma visão mais completa e rica da herança cultural afro-brasileira.

No campo da representação, podem ser usados para ensinar valores, filosofias e tradições africanas e da nossa sociedade. Visto que é uma forma de expressão da identidade africana e serve para proporcionar aos estudantes afro-brasileiro conexão com suas origens, fortalecimento identitário, étnica e cultural.

Mas não somente, pode ainda, combater o racismo, desconstruir estereótipos e preconceitos étnico-culturais, promovendo uma visão mais respeitosa e apreciativa das contribuições africanas à civilização; fortalecendo assim a aplicabilidade da Lei 10.639/2003. Enquanto no campo metodológico, pode funcionar como uma ferramenta pedagógica inovadora, em diálogo com a arte, a história, a filosofia e a linguagem em uma abordagem integrada e dinâmica. Ou seja, interdisciplinar ou multidisciplinar e/ou transversal.

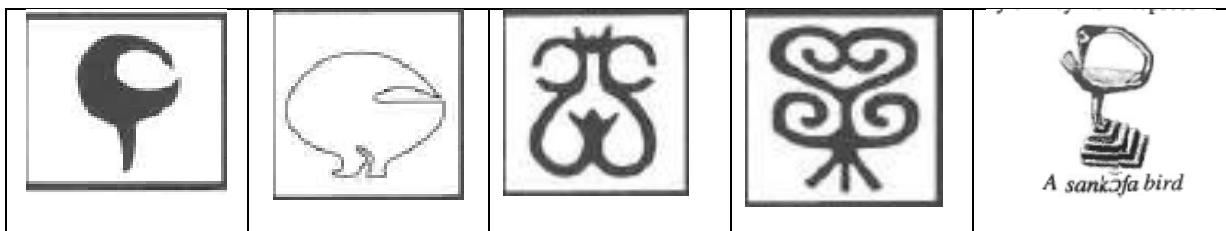
Para mais, temos dentre esses símbolos, e de forma mais específica, sobre a sabedoria e o conhecimento, o símbolo sankofa que como dito, pode ser encontrado em grades, portões, tecidos, papéis de parede e tatuagens, sendo percebido como uma mensagem secreta ancestral que afirma que nunca é tarde voltar e buscar o que ficou. Pois, quando se olha para o passado pode ser encontrado o tesouro do conhecimento que foi negado e roubado dos povos negros. Ajudando a entender o presente com suas dicotomias e possibilitando a construção de um futuro que desperta do pesadelo que começou há séculos atrás.

**Figura 1** - Sankofa: Símbolo da Sabedoria



**Fonte:** Baseado em Nascimento, Elisa Larkin & Gá. Luiz Carlos. Adinkra. Sabedoria em símbolos africanos. Rio de Janeiro: Pallas/Ipeafro, 2009.

**Figura 2 - Outras Possibilidades em que a Sankofa é Retratada**



**Fonte:** Willis, W. Bruce. *The Adinkra Dictionary: A Visual Primer on the Language of Adinkra*. Pyramid Complex, 1998, p. 188-189.

Como visto nas imagens ideográficas, percebe-se a sankofa como a representação tanto do passado com pés fincados no chão e cabeça voltada para trás, segurando um ovo ou pedra, ou ainda, em forma de um coração figurado e estilizado. Em ambos os casos, a mensagem é de lembrança para o não esquecimento das suas origens, ao tempo que pondera a necessidade de resgate da ancestralidade e suas potencialidades histórico-culturais para assim refletir sobre o presente e modificar o futuro por meio de outras narrativas.

Refletindo sobre sua importância e uso no ensino, o símbolo sankofa pode ser uma proposta pedagógica nas variadas áreas do conhecimento e componentes curriculares, como história, artes, filosofia, matemática e ao longo das variadas etapas e modalidades da educação.

No componente de história, por exemplo, podemos partir do ideograma sankofa para questionar a turma se conhece, se já viu o símbolo e desenvolver uma discussão sobre seu significado. E mais, ao falar sobre o provérbio, possibilita recontar sobre a história do negro no Brasil, do processo de escravidão negra, das questões identitárias e raciais. Valorizando a presença, história e cultura negra, como também combatendo o racismo e preconceitos raciais.

Já no componente de artes, pode-se pensar sobre a arquitetura colonial e a influência do trabalho negro; analisar ainda as formas geométricas do ideograma, e produzir a recriação criativa dos alunos do símbolo. Enquanto no componente de filosofia, a reflexão múltipla do andikra sankofa pode demonstrar outras formas de pensar sobre a vida e a sociedade.

Enquanto em matemática, pode ajudar a entender outras formas numéricas, ou pensar sobre a assimetria e a etnomatemática. E de forma mais complexa e em diálogo com outros componentes, produzir um conhecimento amplo em torno de um mesmo objeto de estudo.

Como possibilidade pedagógica, é possível encontrar uma pluralidade de material tanto para estudo dos professores como para produção de material de ensino. Como exemplo, e só para falar do material digital e acessível pelas redes, podemos citar o diverso material disponível do acervo do Ipeafro como imagens, livros, obras de artes. Podemos pensar no desfile da Escola de Samba Vai-Vai de 2022, tanto pela história como pelos elementos cênicos e de enredo. Temos ainda a série documental da Netflix *Sankofa: A África que te Habita*, de 2000, que narra a expedição do fotógrafo César Fraga ao continente africano. (Reis; Medeiros Neta, 2024).

Podemos observar ainda outros exemplos a partir dos dados coletados:

**Quadro 2 - Material Sobre Sankofa Disponível Digitalmente**

Categoria	Título	Autor/Artista	Ano	Descrição	Fonte	Referência	Uso na Educação
Livro	"Àgô Sankofa: um olhar sobre a trajetória da doença falciforme no Brasil"	Vários autores	2020	Estuda a história e os desafios da doença falciforme no Brasil.	SciELO	ORCID: <a href="https://orcid.org/0000-0001-9806-1538">https://orcid.org/0000-0001-9806-1538</a>	Biologia, Saúde Pública
Filme	"Sankofa"	Haile Gerima	1993	Um tortuoso regresso à época da escravidão do ponto de vista do povo africano.	<a href="https://filmow.com/sankofa-a-t98657/">https://filmow.com/sankofa-a-t98657/</a>	<a href="https://filmow.com/sankofa-a-t98657/">https://filmow.com/sankofa-a-t98657/</a>	História, Estudos Culturais
Série	"Sankofa: A África que te habita"	César Fraga Maurício Barros de Castro	2020	Série documental que narra a expedição de Fraga de encontro com sua própria história na África.	Netflix	Netflix	História, Estudos Culturais
Música	"Sankofa"	Emicida	2020	Música que aborda temas de resistência e valorização da ancestralidade	Plataformas de música	Spotify, Apple Music	História, Arte, Música, Literatura.
Música	"Sankofa"	Ayo Shani	2023	Música que aborda temas de resistência e valorização da ancestralidade	Plataformas de música	Spotify, Apple Music	História, Artes, Música, Literatura.
Desfile de Samba	" Sankofa Volte e Pegue"	Escola de Samba Vai-Vai	2022	Enredo com a temática sankofa sobre o resgate da história e cultura negra	<a href="https://vai.vai.com.br/">https://vai.vai.com.br/</a>	<a href="https://vai.vai.com.br/">https://vai.vai.com.br/</a>	Artes, Literatura, História Música, Cultura.
Podcast	" Sankofa Pan African Series"	Podcast Afrocentrado	2021	A Série Pan-Africana Sankofa foi criada como um meio para compartilhar a	Plataformas de podcast	Spotify, Apple Podcasts	História, Sociologia, Estudos Culturais

				história impopular, mas relevante, do povo africano. Em contraste com o relato de hoje trazido à ribalta, este lança luz sobre o papel de África no desenvolvimento do mundo, a cultura de África antes da colonização e a relação de África com o resto do mundo			
--	--	--	--	---	--	--	--

**Fonte:** Construção dos autores. (2024)

Por meio da fonte principal dessa pesquisa, que é o acervo do Ipeafro, podemos promover também um quadro a partir das categorias do próprio acervo digital. Sendo assim o quadro 3 fornece uma visão detalhada de materiais sobre Sankofa no site do IPEAFRO, abrangendo diferentes categorias e seus possíveis usos na educação.

**Quadro 3 - Material Sobre Sankofa Disponível no Acervo Ipeafro**

Categoría	Título	Autor/Artista	Ano	Descrição	Fonte	Referência	Uso na Educação
Livro	Adinkra: Sabedoria em Símbolos Africanos	Elisa Larkin Nascimento, Luiz Carlos Gá	2009	Explora a simbologia Adinkra e sua importância na cultura africana.	IPEAFRO	Link	História, Artes, Sociologia
Coleção de Livros	Sankofa: Matrizes Africanas da Cultura Brasileira - Vol. 1	Elisa Larkin Nascimento	2008	Aborda a matriz africana no mundo e sua influência na cultura brasileira.	IPEAFRO	Link	História, Sociologia, Antropologia
Coleção de Livros	Sankofa: Matrizes Africanas da Cultura Brasileira - Vol. 2	Elisa Larkin Nascimento	2008	Discute a matriz africana e o ativismo negro no Brasil.	IPEAFRO	Link	História, Sociologia, Estudos Africanos
Coleção de Livros	Sankofa: Matrizes Africanas da Cultura Brasileira - Vol. 3	Elisa Larkin Nascimento	2009	Foca na mulher negra, religiosidade e ambiente.	IPEAFRO	Link	História, Sociologia, Estudos de Gênero

<b>Coleção de Livros</b>	Sankofa: Matrizes Africanas da Cultura Brasileira - Vol. 4	Elisa Larkin Nascimento	2009	Explora a afrocentricidade como abordagem epistemológica inovadora.	IPEAFRO	Link	Filosofia, Educação, História
<b>Curso</b>	Sankofa: Conscientização da Cultura afro-brasileira	IPEAFRO	1985-1995	Curso de extensão universitária promovido na UERJ, focado na história e cultura afro-brasileira.	IPEAFRO	Link	História, Educação, Estudos Africanos
<b>Revista</b>	Afrodiáspora	IPEAFRO	1983-1987	Revista bilíngue sobre o universo afro-americano e diaspórico, publicada em sete volumes.	IPEAFRO	Link	História, Estudos Africanos, Comunicação
<b>Doc/Filme</b>	Abdias Nascimento: Memória Negra	Antonio Olavo	2008	O filme se baseia em entrevista conduzida pelo etnógrafo cubano/jamaicano Carlos Moore	IPEAFRO	Link	História, Artes, Sociologia
<b>Pesquisa</b>	Quilombos contemporâneos	IPEAFRO	1982-1983	Pesquisa de campo sobre comunidades quilombolas em vários estados do Brasil.	IPEAFRO	Link	História, Sociologia, Estudos Africanos
<b>Pesquisa</b>	A Circulação dos Provérbios Africanos: Oralidade, Escrita, Imagens e Imaginários	IPEAFRO	2010	Documentário sobre a circulação e influência dos provérbios africanos na cultura afro-brasileira.	IPEAFRO	Link	Literatura, Comunicação, Estudos Africanos
<b>Evento</b>	1º Fórum Estadual sobre o Ensino da História das Civilizações Africanas na Escola Pública	IPEAFRO	1991	Fórum sobre a introdução da história e cultura africanas no currículo escolar, realizado em parceria com a Sedepron.	IPEAFRO	Link	Educação, História, Estudos Africanos
<b>Sarau</b>	Sarau Quilombolista 2020	IPEAFRO	2020	Evento cultural com apresentações artísticas e discussões sobre a cultura afro-brasileira.	IPEAFRO	Link	Artes, Literatura, História, Estudos Africanos

**Fonte:** Construção dos autores (2024)

Em todos os casos citados, em conformidade legal e da aplicabilidade da Lei 10.639/2003. Mas não somente pela sua obrigatoriedade, porém pela necessidade de integrar outros saberes ao ensino e projetos pedagógicos.

Nesse pensar, e para maior compreensão do tema, pensemos então sobre os sentidos histórico, sociológico, filosófico e mítico-poético da sankofa.

### **Sentidos histórico, sociológico, filosófico e mítico-poético**

A arte na África negra antiga não era apenas uma forma de expressão estética, mas estava profundamente interligada com os campos do saber, do conhecimento, da filosofia e da religião. Na tradição africana, esses elementos não eram compartmentados como nas culturas ocidentais modernas, mas sim integrados em uma visão holística do mundo. A arte era um veículo para transmitir conhecimentos filosóficos e religiosos, servindo como um meio para ensinar e preservar a história, a cosmologia e os valores sociais. (Eyo, 1971).

Na filosofia africana, a arte frequentemente servia para ilustrar princípios éticos e cosmológicos. Por exemplo, as máscaras usadas em rituais de iniciação ou em cerimônias funerárias não só representavam espíritos, ou ancestrais, mas também ensinavam sobre o ciclo da vida e da morte, a continuidade da comunidade e a importância da moralidade e da sabedoria. (Beviláqua; Silva, 2015).

Na perspectiva de Frantz Fanon (1961), a libertação do sujeito negro passa pela descolonização do pensamento e da linguagem, rompendo com os padrões de inferiorização impostos pelo colonialismo. A Sankofa, nesse contexto, atua como um princípio de reexistência simbólica e epistemológica. Do mesmo modo, Molefi Kete Asante (1987) propõe a afrocentricidade como um paradigma capaz de recentrar o sujeito africano como produtor de conhecimento, e não mero objeto de estudo. Essa centralidade afrocentrada é também o núcleo da pedagogia Sankofa, que busca restituir às populações afrodescendentes o direito de narrar e interpretar o mundo desde suas próprias matrizes civilizatórias.

No campo religioso, a arte era central para as práticas de veneração e invocação dos deuses e ancestrais. Esculturas de divindades e objetos rituais eram criados com precisão e reverência, imbuídos de significados espirituais profundos. Estes artefatos serviam como intermediários entre o mundo físico e o espiritual, facilitando a comunicação e a bênção dos deuses e ancestrais. (Nascimento, 1961).

Além disso, as artes das Áfricas negras ancestrais refletiram e refletem um conhecimento técnico avançado. A habilidade dos artistas em trabalhar com diferentes materiais, como madeira, metal, marfim, argila e tecidos, como o trabalho do povo Akan, o qual demonstra um profundo entendimento das propriedades desses materiais e técnicas de produção sofisticadas transmitidas de geração em geração.

Logo, compreendemos o porquê de a arte ser uma parte crucial da cultura e tradição Akan. Em suas artes funerárias, por exemplo, existe o tecido especial (adinkra). Este tecido émeticulamente pintado e bordado à mão, adornado com símbolos dos Akan, ou adinkra, organizados de forma específica para transmitir uma mensagem de despedida ao falecido. O adinkra, nesse contexto, é utilizado por alguém à beira da morte para enviar uma mensagem à alma que parte, para que esta a leve consigo para o "além" (Willis, 1998; Nascimento; Gá, 2009). Logo, refletem a sabedoria comum relacionada à noção de Deus, a qualidade das relações humanas, a espiritualidade da vida e a inevitabilidade da morte.

Os símbolos adinkra, na dimensão filosófica e sociocultural, refletem os costumes tradicionais, valores comunitários, conceitos do pensar, códigos de conduta e normas sociais do povo Akan, expressando sua visão de mundo. E mais, tendem a representar atributos de motivação e construção do caráter individual. Por exemplo, um tecido pode conter símbolos que representam diplomacia, sabedoria, humildade, liderança, governo, autoridade e filosofia, especialmente em situações de luto pela morte de um membro do governo. Os conceitos contidos nesses planos foram popularizados, e o adinkra comercial tornou-se amplamente difundido. Hoje, vários tecidos com símbolos adinkra podem ser vistos como vestuário cotidiano.

Para compreendermos a dimensão histórica da sankofa, devemos voltar nosso olhar à etnia/país Akan/Gana, visto que a história de Gana, desde o comércio transmarino até a independência, ilustra uma rica tapeçaria de intercâmbios culturais, econômicos e políticos. A arte, a cultura e a religião dos Akan, bem como a resistência e a resiliência dos povos de Gana, são testemunhos duradouros da rica herança e da importância contínua desta nação na história africana e mundial.

Vale historicizar que a República de Gana está localizada ao norte do Equador, na África Ocidental, e ocupa uma área de aproximadamente 238.540 km<sup>2</sup>. Faz fronteira com três países francófonos: Burkina Faso (antigo Alto Volta) ao norte, a Costa do Marfim a oeste, e a

República do Togo a leste. Ao Sul, é banhada pelo Golfo da Guiné, no Oceano Atlântico. A costa sul de Gana se estende por cerca de 554 km, enquanto a distância média de norte a sul é de aproximadamente 840 km. (Visentini, 2010)

Nesse sentido, a República de Gana ocupa a região que os britânicos chamavam anteriormente de Costa do Ouro. Os europeus chegaram a essa parte da África Ocidental em busca de comércio e encontraram uma abundância de ouro, que ainda é extraído até hoje. O nome Gana foi inspirado no antigo Império de Gana, uma grande civilização que floresceu na África Ocidental. A chamada Costa do Ouro adotou o nome Gana apenas quando conquistou sua independência em 1957. Assim, a República de Gana, como um território unificado, existe há aproximadamente quarenta anos.

A era pré-colonial incluía vários estados. No século XIV, os estados Mole-Dagbani de Mamprusi, Dagomba e Nunurnba ocupavam a região nordeste. No século XVI, Gonja foi estabelecida ao sudoeste desses estados. Nos séculos XVIII e XIX, os estados Akan de Denkyira e Akwamu surgiram na região central. Os povos Nzema, Ahanta, Fante, Ga e Ewe habitam a zona costeira. (Willis, 1998).

Sobre a história da colonização, os primeiros europeus a chegarem em grande número às costas da África Ocidental foram os portugueses, em janeiro de 1471. Em busca de uma rota para a Ásia (é o que os colonizadores dizem), acabaram desembarcando na região, onde iniciaram atividades comerciais e foram os primeiros a descobrir ouro entre os rios Ankobra e Volta. Devido à abundância de ouro encontrado ali, os britânicos mais tarde nomeariam essa parte da África Ocidental como Costa do Ouro. Em 1482, os portugueses estabeleceram um entreposto comercial, o Castelo de São Jorge da Mina, ou Castelo de Elmina, para armazenar as mercadorias do comércio crescente. Logo, outras nações europeias tentaram controlar várias partes das zonas costeiras, incluindo ingleses, holandeses, dinamarqueses, franceses, suecos, alemães de Brandemburgo e castelhanos.

Em 1914, o Protetorado dos Territórios do Norte foi incorporado à Costa do Ouro. Nos anos 1940, a Colônia da Costa do Ouro (que agora incluía a região de Asante e o Protetorado dos Territórios do Norte) começou a desenvolver partidos políticos. O Movimento de Libertação Nacional (NLM), fundado em 1954, se opôs à união dessas diversas facções após a independência, mas não conseguiu seu objetivo. (Costa, 2009).

Em 6 de março de 1957, a Colônia Britânica da Costa do Ouro e o Fundo das Nações Unidas para o Togo se tornaram um domínio independente da Comunidade Britânica. Em 1960, o domínio alcançou plena independência, transformando-se na República de Gana. Ao alcançar a independência em 1957, Gana possuía a maior renda per capita de qualquer país africano (194 dólares por ano). Embora relativamente próspero em comparação com a maioria dos outros países africanos, Gana ainda sofria com uma infraestrutura precária devido ao legado do sistema colonial. (Willis, 1998).

Quanto ao passado desse povo, sabe-se que os Adanse são os mais antigos entre os Akan. No século XVI, eles formaram um estado poderoso, governando todas as terras ao sul dos Asante e também as terras dos Denkyira. Atualmente, os Adanse vivem a leste do povo Twifo. É importante destacar que a história do povo Akan está profundamente conectada à dos impérios sudaneses ocidentais e ao comércio transaariano. Com as viagens dos povos mediterrâneos nos tempos antigos, surgiram diversas rotas comerciais. Uma rede de rotas de caravanas cruzava o deserto do Saara, e o povo sudanês, que habitava a região entre o Saara e o Equador, tornou-se um intermediário essencial no comércio entre os norte-africanos e os africanos ocidentais.

Em 1697, Osei Tutu (que governou de 1697 a 1731) convocou uma assembleia para compartilhar uma revelação de Okomfo Anokye, um sacerdote de grande prestígio. Anokye havia dito que Nyame, o deus supremo dos Akan, lhe havia transmitido uma mensagem divina. Durante essa reunião, conta-se que Okomfo Anokye fez com que um banquinho dourado (sika dwa), parcialmente coberto de ouro pálido, descesse do céu e repousasse nos joelhos de Osei Tutu. Este banco dourado foi adotado pelos Asante como a encarnação da alma da nação. (Willis, 1998).

As tradições orais, ou relatos passados de geração em geração, sobre a história de Gana indicam que os ancestrais do povo ganense migraram dos reinos do Sudão Ocidental por volta do século XIII d.C. Após a queda do Império Romano, o Império de Gana, situado no Sahel, ao norte do rio Níger, na borda do deserto do Saara, na região que hoje corresponde ao Mali e à Mauritânia, emergiu como o estado mais significativo e a civilização predominante naquela área. Esse império teve um papel crucial, especialmente no século IX d.C., quando controlava a região de Wangara (entre os altos rios Níger e Senegal), que fornecia uma abundância de ouro para o comércio transaariano.

O Império de Gana organizava o comércio de metais, mercadorias e o valioso sal produzido no Norte, vendendo produtos importados do Norte para os mineiros e agricultores das áreas agrícolas e de mineração de ouro do alto rio Níger e do Senegal. Ao comercializar esses produtos com os comerciantes do Norte e cobrar impostos sobre essas transações, o império prosperou, enriqueceu-se e tornou-se mais poderoso que seus vizinhos. O Império de Gana existiu por cerca de oitocentos anos, de aproximadamente 300 d.C. até 1076. O ouro era o principal produto de exportação dessa região. Em 1076, os Almorávidas, originários dos berberes do Saara Ocidental, unificaram o Marrocos e eventualmente lançaram uma jihad (guerra santa) que resultou na invasão e queda do Império de Gana, que acabou se fragmentando em vários estados menores. (Silvério, 2013).

A respeito da origem dos símbolos adinkra, as tradições orais dos Akan relatam a história de um renomado rei chamado Kofi Adinkra, da região vizinha de Gyaman, localizada a noroeste de Kumase, na atual Costa do Marfim. Em Asante, o *stoof* é um assento ricamente decorado e esculpido à mão, onde um chefe se senta durante eventos oficiais, religiosos e cerimoniais. Este banco é considerado sagrado e simboliza a alma do povo. A autoridade máxima na sociedade Asante está simbolicamente investida neste banco. Um ataque ao banco sagrado é, portanto, visto como um ataque ao povo.

Os relatos orais dos Asante mencionam que o rei Kofi Adinkra, de Gyaman, fez uma réplica do Banco Dourado sagrado do rei Asante, Nana Osei Bonsu-Panyin, desafiando assim sua autoridade. Ao copiar o banco sagrado, o rei Kofi Adinkra violou os princípios religiosos dos Asante, o que enfureceu o rei Asante e levou à famosa Guerra Asante-Gyaman de 1818. (Silvério, 2013).

O rei dos Asante liderou seu exército contra o rei Adinkra e suas forças, derrotando-os em Bontuku. Apesar de os relatos orais não serem totalmente claros, dizem que na derrota do rei Adinkra, ele usava símbolos adinkra. Também se conta que o rei Asante notou a arte decorativa feita pelos artesãos do rei derrotado, presente nas colunas (*seykedua*) ou sob a folha de ouro do banco do rei Kofi Adinkra. Nana Osei Bonsu-Panyin gostou tanto dessa arte que forçou os artesãos Gyaman derrotados a replicarem os desenhos e ensinarem as técnicas de produção aos artesãos Asante.

Essa arte passou a ser chamada de adinkra. Assim, embora os símbolos adinkra tenham sido criados anteriormente na história dos Akan, foi após a Guerra Asante-Gyaman que eles ganharam maior exposição e reconhecimento mundial.

Outra narrativa sobre a origem do adinkra é a teoria de Bowdich, apresentada por Willis (1998), que levanta dúvidas sobre a autenticidade da história do rei Adinkra. A principal questão envolve a mais antiga fonte histórica ocidental registrada sobre adinkra. Em 1817, um líder de uma missão britânica em Gana coletou um tecido adinkra em Kumase, um ano antes da Guerra Asante-Gyaman de 1818, o que contradiz o relato oral dos Asante que situava a introdução do adinkra em 1818.

Para além das divergências históricas sobre o seguimento dos adinkra, o que mais nos interessa é perceber suas origens e sua importância para o povo originário, bem como seus desdobramentos na atualidade e nos países afrodispóricos, sobretudo, no caso desse estudo, para conhecer e perceber a importância e contribuição do adinkra da sabedoria sankofa.

A Sankofa, como um dos símbolos adinkra do povo Akan, encapsula a mentalidade espiritual e o despertar cultural que os africanos têm experimentado desde as décadas após a independência do continente. Embora o conceito possa parecer contemporâneo, ele é uma tradição ancestral que conecta um povo à redescoberta de suas raízes, o que é essencial para construir um futuro sólido.

O pássaro sankofa é o ícone que representa esse conceito. Imagem que é uma metáfora visual para olhar para o passado ou buscar conhecimento, "retornando à fonte". Para os Akan, essa ação é comparada à sabedoria de aprender com experiências anteriores antes de tomar decisões significativas.

Quando um indivíduo enfrenta um grande desafio ou empreendimento, ele deve primeiro reunir todas as informações necessárias, como um pássaro que busca meticulosamente cada parte de sua cauda. Se algo importante estiver faltando ou ausente, é prudente "voltar e buscá-lo", refazendo passos ou recuando ao início para encontrar a peça crucial que pode estar perdida. Essa busca pelo conhecimento é crucial para garantir que a tarefa seja concluída com sucesso e eficácia. E mais:

Sankofa é uma realização de si mesmo e do espírito. Representa os conceitos de autoidentidade, redefinição e visão. Simboliza a compreensão do destino de alguém e da identidade coletiva do grupo cultural mais amplo. Sankofa é a reintegração de posse de algo que foi esquecido e início de um processo de

regresso ao local onde o objeto foi perdido, a fim de "feitorá-lo" e "depois avançar" para o futuro. No exército ganense este símbolo representa a retaguarda. (Willis, 1998, p. 189. Tradução nossa).

Logo, o símbolo/conceito/metáfora reflete a compreensão dos Asante sobre a história e o valor que atribuem à sabedoria das gerações anteriores. Em um contexto filosófico e mítico-poético, o Sankofa enfatiza sua ligação com a filosofia do tempo, do conhecimento e da interdependência entre passado, presente e futuro. Isso reforça a necessidade de refletir sobre o passado para entender o presente e moldar o futuro, destacando Sankofa como um emblema de sabedoria, conhecimento e aprendizado das experiências passadas. Logo é visto como uma representação poética da natureza cíclica do tempo, onde o passado informa o presente e orienta o futuro. Essas diversas perspectivas revelam a profundidade e a complexidade do símbolo Sankofa, demonstrando sua relevância histórica, filosófica, sociológica e mítico-poética na cultura e na compreensão do povo Asante.

De forma aproximada, no Brasil contemporâneo, tem sido, especialmente dentro dos movimentos negros, nos estudos das culturas africanas e na educação antirracista e decolonial, adotada como um poderoso emblema de resistência e ressignificação. Seu uso destaca a importância de resgatar e valorizar as tradições, histórias e conhecimentos ancestrais africanos que foram sistematicamente apagados ou marginalizados durante séculos de colonização e escravidão.

E, mais, reforça a ideia de que o tempo não é linear, e sim cíclico. Essa filosofia do tempo é essencial, pois reverbera que as experiências passadas informam as lutas e resistências presentes, moldando um futuro mais justo e equitativo. A compreensão de que os erros do passado podem e devem ser evitados é uma lição fundamental que se aplica tanto na reconstrução de identidades culturais quanto nas práticas educacionais.

No mais, simboliza a valorização do conhecimento ancestral e a sabedoria transmitida de geração em geração. Nos inspirando a pensar sankofa a partir da busca por uma educação que reconheça e celebre as contribuições africanas e afrodescendentes da sociedade. Encorajando uma pedagogia que não só inclui, mas também centra a perspectiva africana como uma parte vital do currículo, corrigindo distorções históricas e promovendo um entendimento mais holístico das raízes culturais.

Por isso que se diz, “Se wo were fi na wo sankofa: yenkyi.” (Não é um tabu retornar e buscar quando você esquece) Sankofa é um lembrete constante de que a experiência deve ser um guia para o futuro. Aprenda com ou construa sobre o passado. Ou em outras palavras: “Sankofa significa ‘voltar ao passado para construir o futuro’, ou não devemos esquecer o nosso passado ao avançar. Deveríamos aprender com o passado, ou seja, ‘Voltar e buscar o que precisamos’ e avançar em direção ao futuro”. (Willis, 1998, p. 189, tradução nossa).

San - retornar (refazer os passos, voltar às raízes); ko - voltar, ir; fa - pegar, agarrar. No Brasil e na educação, leia-se, voltar às raízes da história do continente africano antes e pós-colonização, refazer os passados ancestrais para entender as culturas e narrativas por outras cosmopercepções; voltar e/ou ir em direção a outras possibilidades, reconstruindo pensares pedagógicas decoloniais e antirracistas no presente e pegar/agarrar outros conhecimentos e saberes, e compartilhar de maneira inclusiva e equânime para assim fomentar futuros outros. Possibilidades que são possíveis, como já recebido, seja no campo teórico, metodológico e/ou prático; em todos os níveis e etapas, com auxílio de fontes e materiais acessíveis tanto para educadores, professores, esfera administrativa, como para educandos e sociedade como todo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo apresentado buscou reafirmar a importância do conceito Sankofa como uma ferramenta potente para a construção de uma educação antirracista no Brasil. Ao reinterpretar esse símbolo africano por uma lente decolonial, é possível resgatar e valorizar saberes ancestrais que foram historicamente marginalizados, promovendo uma educação que reconhece e respeita a diversidade cultural. A aplicação da Pedagogia Sankofa, alinhada aos princípios da Lei 10.639/2003, demonstra como a memória, a ancestralidade e os valores éticos afro-brasileiros podem transformar práticas pedagógicas, articulando ensino, identidade e justiça social.

Além disso, por meio de análise de materiais paradidáticos, símbolos Adinkra e propostas curriculares, pode-se evidenciar o potencial de tais recursos para inspirar reflexões críticas e ações efetivas contra o racismo, isto, promover uma educação antirracista na prática escolar e social como todo. No contexto brasileiro, a Sankofa torna-se não apenas um símbolo de resistência, mas também uma metodologia educativa que encoraja professores e alunos a revisitar o passado para compreenderem o presente e, assim, projetarem um futuro mais equitativo.

Mudança que deve acontecer agora de dentro para fora, ou seja, pelas escolhas de educadores, gestores e sociedade, tendo em vista que por obrigatoriedade, a Lei está vigente, e sabemos que por si só não é o bastante. É fundamental a tomada de consciência para a promoção de uma educação antirracista. E a Sankofa Pedagógica é uma reflexão que chama a atenção e convoca aliados para novas e outras escolhas no campo educacional.

Em síntese, o diálogo com os pensadores africanos contemporâneos como Diop, Obenga, Tempels, Fanon e Asante permite compreender que a Pedagogia Sankofa é herdeira de uma longa tradição filosófica africana que entende a educação como prática de libertação e reencontro com o ser ancestral. A valorização desses referenciais não apenas aprofunda a fundamentação teórica do estudo, mas reafirma o compromisso com uma epistemologia verdadeiramente africana, decolonial e antirracista.

Por fim, devemos destacar o fortalecimento de práticas pedagógicas baseadas em princípios éticos, históricos e culturais afro-brasileiros e dos quais nos exigem um compromisso coletivo e contínuo com a transformação das estruturas educacionais e sociais, sobretudo racistas, garantindo que a luta por equidade racial seja cada vez mais presente e eficaz.

## REFERÊNCIAS

- BEVILACQUA, Juliana Ribeiro da Silva.; SILVA, Renato Araújo. **África em artes**. Museu Afro Brasil, São Paulo – SP, 2015.
- BRASIL. **Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003.
- DIOP, Cheikh Anta. **The African Origin of Civilization: Myth or Reality**. Translated by Mercer Cook. Chicago: Lawrence Hill Books, 1974.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Tradução de José Laurêncio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- GERIMA, Haile. Sankofa. [Filme]. **Los Angeles**: Mypheduh Films, 1993.
- IPEAFRO. **Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros**. Acervo digital. Disponível em: <http://www.ipeafro.org.br>. Acesso em: 7 jan. 2025.
- NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Sankofa**: matrizes africanas da cultura brasileira - Vol. 1-4. São Paulo: Selo Negro, 2008.
- OBENGA, Théophile. **La philosophie africaine de la période pharaonique**, 2780-330 avant notre ère. Paris: Éditions L'Harmattan, 1990.

OYÈWÙMÍ, Oyèrónké. **Cosmopercepções e a reconstrução epistêmica**. In: COETZEE, P. H. Philosophy from Africa: a text with readings. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 2002. p. 393-410.

REIS, Heverton Luis Barros. **Sankofa pedagógica**: saberes para uma educação antirracista. Orientadora: Dra. Olívia Morais de Medeiros Neta. 2025. 138f. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2025.

REIS, Heverton Luis Barros; MEDEIROS NETA, Olívia. O papel do Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (IPEAFRO) na construção de uma educação antirracista. **Sér.-Estud.**, Campo Grande , v. 29, n. 67, p. 223-236, set. 2024 . Disponível em <[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S231819822024000300223&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S231819822024000300223&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 30 dez. 2024. Epub 12-Dez-2024. <https://doi.org/10.20435/serieestudos.v29i67.1850>.

SILVÉRIO, Valter Roberto; UNESCO Office in Brasilia; Brazil. Ministry of Education; Federal University of São Carlos (Brazil) (Orgs.). **Síntese da coleção história geral da África**, I: pré-história ao século XVI. Brasília: UNESCO, Ministério da Educação, Universidade Federal de São Carlos, 2013. 745 p., il. mapas.

TEMPELS, Placide. **La philosophie bantoue**. Paris: Présence Africaine, 1945.

VIEIRA, Carlos Eduardo; CORREIA, Fabiola. Maciel. **Abdias Nascimento**: trajetórias de um griot moderno. São Paulo: Edições Nesp, 2022.

WILLIS,. Bruce. **The Adinkra dictionary**: a visual primer on the language of Adinkra. Washington, D.C.: Pyramid Complex, 1998.

**Recebido em:** Abril /2025.

**Aprovado em:** Julho/2025.